

ROBERTO GUILHERME WOODHOUSE

(1828-1876)

*Resposta aos Detractores e Mofadores da Religião
e dos seus Ministros*

Fixação do texto, prefácio e notas de Pinharanda Gomes

P R E F Á C I O

Uma Família Inglesa

A época de ouro da colónia inglesa do Porto é um fenómeno da *era victoriana*, e surge, na cronologia portuguesa, como um fenómeno típico do ciclo liberal. Até ao fim do século XVIII, os mercadores ingleses, que negociavam no vinho verde, costumavam assentar arraiais em Viana do Castelo, onde carregavam os barcos, com destino a Londres e a Porthsmouth. A transferência para a cidade do Porto, onde se tornaram principalmente mercadores de vinho (o vinho do Douro, ou *Duro's wine*, como se chamava em Inglaterra) é um fenómeno que decorre também das consequências da política agrícola pombalina, que fomentou a cultura do vinho na região do Douro, criando condições de produção e de comércio que os ingleses, sobretudo durante a regência do Visconde de Beresford, se apressaram a aproveitar. *Vinho do Porto* é uma expressão de retorno, vertida da imagem com que esse vinho se tornou familiar dos súbditos britânicos, o *Port wine*, imagem que, a breve trecho, substituiu no mercado a antiga e rudimentar marca de origem, *Duro's wine*. A cidade onde se situavam os entrepostos e os armazéns, e onde se fazia o comércio do vinho, absorveu e anulou a designação da área onde o vinho era, e é, produzido.

«O comércio do vinho em breve foi considerado como o mais aristocrático de todos os que se faziam entre Portugal e Ingla-

terra ...»¹. Aos nomes algo descoloridos que se ouviam nos entrepostos de Viana do Castelo sucedeu uma geração de mercadores com novas ideias, nova capacidade de investimento (os cultivadores da vinha enriqueciam, embora os ingleses enriquecessem muito mais) e com sinal de linhagem em seus nomes. É o tempo da fixação de famílias que, em virtude do comércio, sofrem a metáfora e são, para nós, simples marcas de vinho: os Croft, os Taylor, os Offley, os Sandeman ... Alguns deles tinham-se antecipado e, logo que o Marquês adiantara a política vinhateira do Alto Douro, fixaram-se no Porto. Nos meados do século XIX havia, entre os exportadores ingleses de vinho, «uma onda de prosperidade aventureira»². O notável pintor inglês, que contraiu na sua pintura as cores meridionais portuguesas, o Barão de Forrester, deixou-nos esse admirável e colorido quadro de 1834, onde podemos ver os comerciantes britânicos, com suas calças brancas e seus chapéus do coco, à porta do Palácio da Feitoria, sita na antiga Rua dos Ingleses. Constituíam próspera e distinta colônia, com sua igreja, seus ministros sagrados, suas escolas, seu cemitério, sua vida social. Preferiam arranjar casa na região da Foz, perto do mar, distantes do burgo portuense. Entrar no convívio da colônia inglesa era difícil. Só raros, ou pelo título nobiliárquico, ou pelo poder financeiro, logravam romper a frieza social dos ingleses. Apesar da sua efabulação romântica, Júlio Diniz permite-nos realizar um cenário desta sociedade, na leitura do romance *Uma Família Inglesa* (1868) que nos transmite o clima social da colônia, e, também, os caminhos acidentais por onde o mais próximo relacionamento com famílias portuguesas era possível, ainda que difícil, tão difícil que, mesmo em questões de movimentação de divisas, os ingleses prescindiam dos bancos portugueses. O Lloyd's Bank, o mais antigo banco estrangeiro que abriu filial no nosso país, surge no Porto, na sequência de uma outra instituição bancária, já existente, o British Bank. A influência inglesa nos meados do século XIX era significativa, até na ordem das ideias. Por exemplo, na Universidade de Coimbra vingava o idealismo alemão, no Curso Superior de Letras fazia carreira o positivismo francês, mas, na Escola Médica do Porto, o moderno

¹ ROSE MACAULAY, *Ingleses em Portugal*. Trad. port. de Maria Fernanda Gonçalves e A. Álvaro Dória. Porto 1950, 207.

² Id., *ibid.*, 217.

assentava no realismo inglês³, que soubera adequar o empirismo aristotélico, via Chanceler Bacon, às exigências da nova ciência, evitando problematizar a questão metafísica, diversamente do que havia ocorrido, por excesso, no idealismo alemão e, por defeito, no positivismo francês.

O retrato do cidadão típico da colônia inglesa, segundo a análise romanesca de Júlio Diniz — ele mesmo opositor ao idealismo alemão⁴ — é Sir Richard Whitestone, nome fictício que esconde, decerto, alguém que o médico Joaquim Guilherme Gomes Coelho — ortónimo de Júlio Diniz — bem conhecia: «Alheio e pouco propenso à metafísica, não o namoravam as transcendentales questões de filosofia, que preocupam doentiamente as inteligências da época; todo votado à contemplação da face positiva da vida»⁵. Estes comerciantes ametafísicos cumpriam os deveres religiosos e sociais e formavam livrarias em suas casas, mantendo-se ao corrente das ideias, mormente das que podiam ler nos livros que mandavam vir de Inglaterra. Era uma colônia culta, manifestando todos os predicados costumeiros do cidadão britânico, por demais caricaturizados, comentados e explicados, em obras de teatro, em novelas, e em estudos de psicologia social.

É neste clima, tanto do gosto de Júlio Diniz, que, na segunda década do século XIX, aí por volta de 1820, chega ao Porto o sr. Robert William Woodhouse Lancaster, fidalgo inglês, destinado ao negócio do vinho. Tinha armas: «partido, a primeira, de ouro, e a segunda, de vermelho; sobrepostas à partição duas asnas endentadas, firmadas uma alçada e outra abaixada, entrecambadas (isto é: de vermelho sobre o campo de ouro e de ouro sobre o campo de vermelho), acompanhadas de três rosas, uma de vermelho no canto dextro do chefe, uma de ouro no canto sinistro do chefe e uma, em ponta, sobre a linha de partição, sendo metade de vermelho sobre o campo de oiro e de oiro sobre o

³ PINHARANDA GOMES, *Pensamento Português - IV*. Lisboa 1979, 90-92.

⁴ JÚLIO DINIZ, *A Morgadinha dos Canaviais*, cap. I. O novelista, brincando com a introdução da culinária estrangeira, diz que o povo nortenho reage contra, e acrescenta: «reage contra as ideias novas, que vêm da França e da Alemanha». Cf. PINHARANDA GOMES, *op. cit.*, loc. cit.

⁵ JÚLIO DINIZ, *Uma Família Inglesa*, ed. 1965, 7.

campo de vermelho (entrecambadas)»⁶. Parece que Robert William não usou as armas em Portugal, pois não se conhece carta régia de brasão. Foi ele, todavia, o primeiro Woodhouse a passar a Portugal e concretamente à cidade do Porto. Veio como gerente da firma Smith, Woodhouse Brothers & Co., da qual era sócio, e veio solteiro.

Com um pouco de imaginação, podemos reconstituir no real o amor que une Carlos (anglicano, inglês) e Cecília (católica, portuguesa), no romance já citado de Júlio Diniz. Roberto Guilherme Woodhouse de Lencastre, pois que aportuguesou o nome, veio a contrair matrimónio com uma senhora da burguesia portuense, D. Maria Ermelinda Marques da Costa Gomes de Oliveira (também dita Gomes Pereira)⁷. Cada um deles manteve a sua religião e, pelos vistos, D. Maria Ermelinda alienou direitos a favor do marido porque, na verdade, os filhos do casal haveriam de ser educados oficialmente na religião anglicana. Talvez que, evitando ostensividade, D. Ermelinda preferisse influenciar os filhos no íntimo, deixando o lado oficial para o pai. Julgamos que a conversão de um dos filhos — o escritor, e autor da obra apologética que ora se compila — radica longinquamente nessa influência e no testemunho materno. Foi, pelo menos, uma ajuda, quando teve de decidir-se em matéria religiosa.

O casal gerou três filhos: Maria, que veio a casar com Charles Balfour, em Inglaterra; Eduardo Sebastião, que foi marido de uma das filhas do Marechal Sir John Fox Burgoyne, também em Inglaterra; e, por fim, ROBERT WILLIAM WOODHOUSE LENCASTRE, ou ROBERTO GUILHERME WOODHOUSE BARRETO DE LENCASTRE, nascido no Porto, era o dia 9 de Setembro de 1828. Do irmão Eduardo, e da irmã Maria, que, já vimos, foram para Inglaterra, nada mais conseguimos saber.

⁶ Gabinete de Estudos Heráldicos, in *Verbo. Enciclopédia de Cultura*. Vol. 18, col. 1590, citando o *Burke's Landed Gentry*.

⁷ A. MAGALHÃES BASTO, *Roberto Woodhouse. Um Campeão portuense do Catolicismo. Breve Ensaio sobre a sua Vida, o seu Meio e a sua Época*, in *Discursos e Conferências*. Porto 1950, 10. O ilustre erudito portuense Magalhães Basto foi quem, modernamente, melhor se interessou pela biografia de Woodhouse.

Roberto Guilherme Woodhouse

O velho Roberto de Lencastre não deve ter-se mantido solteiro por muitos anos. Se chegou ao Porto aí por volta de 1820, deverá ter casado com D. Maria Ermelinda o mais tardar em 1825, já que, em 1828, nascia o terceiro filho, depois do qual não houve outro.

ROBERTO GUILHERME WOODHOUSE⁸ aprendeu as primeiras letras na casa paterna e, na idade adequada, parte para Inglaterra, a cursar estudos. Julgamos lícito calcular que, em 1840, doze anos feitos, já devia estar em Inglaterra, à cura dos avós, que o educaram na religião de seu pai. Conclui, do mesmo passo, por volta de 1850, um curso universitário de graduação em ciências na universidade de Londres.

Achamos oportuno atender a estas datas, entre 1840 e 1850 (mais ou menos) e memorar alguns factos e algumas figuras. Na ordem social, a Inglaterra vive o apogeu da época vitoriana, enquanto, em Portugal, na ordem política, se vive a agonia do Setembrismo. Na ordem religiosa, em Inglaterra, há notáveis fastos, ocorridos quando Woodhouse era já mais do que um adolescente. O chamado Movimento de Oxford, chefiado por John Henry Newman, amplia a sua influência à Igreja e à inteligência inglesas. O manifesto 90 (*Tract 90*) de Newman aparece ao público em 1841, nove anos antes da agitação popular que sacudiu o reino britânico, perante a restauração da hierarquia católica, uma decisão da Santa Sé. Newman, em franca ruptura com a Igreja Anglicana, admite implicitamente, no *Tract 90*, a verdadeira tradicionalidade da Igreja de Roma e, por isso, é condenado pela Igreja Anglicana. O Movimento de Oxford cresce mais a partir de 1841, assistindo-se por toda a parte, mormente no sul, a uma restauração da Igreja Católica, que aparece muito viva, muito organizada, muito militante, muito virada para a questão social, em oposição a uma Igreja Anglicana ancilozada no funcionalismo majestático. A hie-

⁸ Quanto a Roberto Guilherme Woodhouse acha-se omissa nas mais prestigiadas Enciclopédias portuguesas, a começar pelo *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Outro aspecto é da sua ausência em artigos especializados, por exemplo: Mário Martins, na entrada 'Apologética' para o *Diccionario de Literatura* (dir. de J. Prado Coelho) e Domingos Maurício, em análoga entrada, na *Enciclopédia Verbo*, também não o referem.

rarquia católica é restaurada em 1851. Newman já entrara na Igreja de Roma havia seis anos, pois que a conversão pública é de 1845⁹. Roberto Woodhouse tinha feito 17 anos. Estas questões não seriam, no lar britânico onde vivia, de todo em todo pacíficas. Ouvia ele críticas aos católicos? Ou, por respeito a sua católica mãe, que estava em Portugal, evitava-se falar destes assuntos religiosos? Dificilmente se achará resposta. Ou talvez que, por essa data, outros problemas perturbassem as famílias aristocráticas inglesas, mais do que os problemas confessionais¹⁰. Com efeito, o *Manifesto Comunista* era tornado público em Londres, corria o ano de 1847.

Concluída a graduação em Ciências, Roberto Guilherme Woodhouse começa a trabalhar, sendo orientado para a vida diplomática. Entrou, por isso, para a Embaixada Portuguesa em Londres, onde lhe foram atribuídas as funções de adido, em 1853. Um tempo impopular no reino lusitano. Atravessava-se a Regeneração, e o Conde de Samodães, militar e político, seria (1851) castigado e transferido para Angra do Heroísmo. Decerto que, neste tempo, Woodhouse ainda não conhecia Samodães. O trabalho na Embaixada Portuguesa junto de Sua Majestade Britânica terá sido agradável e proveitoso para o jovem graduado. O titular da Embaixada era D. António de Almeida Portugal Soares de Alarcão Melo e Castro Athaide Eça Mascarenhas Silva e Lencastre († 1874) o 5.º Marquês de Lavradio, figura da reacção católica, antigo ajudante de campo de D. Miguel I, opositor à ideologia liberal, às sociedades secretas e às teses de Alexandre Herculano sobre a Inquisição, sobre as Cruzadas e sobre o Casamento Civil, temas sobre os quais publicou vários opúsculos polémicos, quase sempre visando o pensamento de Alexandre Herculano¹¹. Seria insensato pensar que o catolicismo do Marquês de Lavradio fora indiferente ao jovem diplomata. Num ambiente de restauração do catolicismo em Inglaterra, nas interrogações que a reacção anglicana suscitava no jovem, na lembrança da religião maternal, concerteza

⁹ Cf. *John H. Newman*, in *Constructores do Mundo Contemporâneo*, Vol. I. Trad. port. de Pinharanda Gomes. Porto 1982 723-735.

¹⁰ G. M. TREVELYAN, *A Shortened History of England*. Londres 1963, 582.

¹¹ Do MARQUÊS DO LAVRADIO, a título de exemplo, citamos: *História Abreviada das Sociedades Secretas* (1854), e *Algumas Observações sobre a Inquisição, sobre as Cruzadas e outros Objectos Análogos* (1856).

que o pensamento de Lavradio foi mais um rego aberto no campo de uma fé que poderia, de um momento para o outro, fazer exigências.

Que ecos portugueses chegavam a Inglaterra, à Embaixada? Antes de mais, sem dúvida, as notícias das mutações políticas, principalmente da Regeneração, e os estremecimentos, derivados da ignorância do que viria a seguir. Pedidos de livros, certamente, sobretudo de romances de Jane Austen, que, antes de serem traduzidos em Lisboa eram lidos, em inglês, no Porto. Em assuntos religiosos já bastaria o que se passava em Inglaterra. A onda da questão religiosa, envolvendo o anticlericalismo, o antipapismo, o anticristismo, o antidogmatismo, avassalava a generalidade da Europa. Nas suas vindas a Portugal, sobretudo em férias de verão, Roberto Woodhouse tomaria conhecimento de situações locais. E dar-se-ia com as famílias aristocráticas que já eram do convívio de sua casa. Eis dois pontos a versar, ainda que só na película.

Em contra do juízo comum, o século XIX foi um século de pesadíssima preocupação religiosa. Os grandes pensadores, ou se mostram perplexos face às relações da fé e da razão, ou procuram superar a proposta antinomia, ou assumem o abismo das irreduzíveis antíteses. Neoiluminismo, racionalismo, evolucionismo, transformismo, positivismo, idealismo, pragmatismo, apresentam uma necessária vertente, qual seja a da questão da religião e a da razão da fé. O progressivo mas irregular abandono das matrizes escolásticas lançou as filosofias em *naufrágio*. O moderno existencialismo, gerado nesta cena de perplexidade, é um naufrágio enquanto filosofia e enquanto saber do homem. A Bíblia era, nas asperezas da dúvida, a coluna vertebral do pensamento. Toda a filosofia se ordena à Bíblia, ou para a corroborar, ou para a contestar, mas, enfim, e sempre, o recurso à Bíblia. O historicismo biblista, a nova teologia, mais do que diferenças na crença, são tentativas de achar na Bíblia uma consolidação positiva da fé. Se a Bíblia não é historicamente verdade? O criticismo bíblico surge como fenómeno da crise sapiencial do século XIX, e como sequela da enorme vontade religiosa de Oitocentos. Criticismo exagerado, naturalmente excessivo, levou a visões tão fideístas que pareceram superstição, e a intelecções tão racionalistas, que pareceram negação. A Inglaterra anglicana, mais do que a Inglaterra católica, reagiu com rudeza, por vezes com sarcasmo. Há bibliografia sobre esta reacção, que considerava a teologia alemã

«perigosamente blasfema»¹², aprofundamento protestante da Reforma, que se afastava da *teologia cristã* à procura do renascimento da *mitologia germânica*. Lutero, o ponto de partida. O movimento incarnava em Strauss e em Nietzsche, em Wagner e em Molleschot. A Alemanha regressava, como era seu permanente costume, às origens. A Alemanha recebera o baptismo mas não ficara cristã. Sob o nome de Cristo, a teologia alemã esconde os mitos da Alemanha pagã. A Alemanha não é teóloga, é mitóloga.

A influência do racionalismo germânico sente-se no Porto. Em jornais como *A Aurora* e *A Península*, desenvolvem-se notações de fundo sobre a razão e a fé. O principal exegeta é um racionalista extreme, Pedro de Amorim Viana, um teólogo leigo, ou laico, que privilegia a razão como via para a fé, de modo que a fé, em vez de dom sacramental, é uma aquisição racional. O mais notável opositor de Pedro de Amorim Viana, nesse ano de 1852, na polémica sobre Racionalismo e Fé, vem a ser um raro génio da humanidade, capaz de todas as artes literárias e filosóficas, Camilo Castelo Branco, cujas respostas a Amorim Viana tornavam o jornal portuense *O Cristianismo* muito requisitado e muito lido¹³. Adulto já, e aberto a estes assuntos, o jovem diplomata ouviria, pelo menos em férias, os ecos das polémicas, e tentaria equipará-las ao que testemunhava em Inglaterra, espicaçando nele o desejo de uma opção.

Outro aspecto é o da vocação de vida. A sua família dispunha de várias e importantes relações sociais em Inglaterra. Seria, por conseguinte, requestado para noivo de alguma dessas donzelas que, como a Jenny de Júlio Diniz, transparente e elegante, mas vitoriana e adusta, não desdenharia de um futuro portuense, feito de vinhateira economia. D. Maria Ermelinda e o Marquês de Lavradio foram, aí, mais poderosos. Trataram de estabelecer relações aristocráticas nortenhas, entre elas os S. João da Pesqueira,

¹² ALAN RICHARDSON, *The Bible in the Age of Science*. Trad. cast. Buenos Aires 1966, 96.

¹³ Sobre Amorim Viana, cf. SANT'ANNA DIONÍSIO, *Teólogo Laico (Amorim Viana)*. Porto 1961; JOSÉ MARINHO, *Verdade, Condição e Destino*. Porto 1976, II e segs. Acerca da polémica cf. ALEXANDRE CABRAL, *As Polémicas de Camilo - I*. Lisboa s.d., 77-166. Com destino a estudantes universitários: o Camilo doutrinador continua à espera de uma inteligente monografia.

cuja filha, viúva, se encontrava na Foz com Roberto. O cerco estava feito, era questão de tempo. Em 1852, o velho senhor Robert William Woodhouse Lancaster, depois de trinta anos de actividade comercial, soltava o último suspiro. D. Maria Ermelinda ficava viúva. Tratou de arrumar a vida da filha e dos filhos. E o mais novo, o delfim, começa por se arrumar em matéria de religião. Converte-se à Igreja Católica. Não haviam sido inúteis a campanha de Newman, a preserverança da mãe, o testemunho de Lavradio e, por fim, a figura de Isabel Emília, a companheira de férias, na Foz do Douro. Tudo se juntara para a opção. E, falecido o pai, Roberto Woodhouse regressa definitivamente a Portugal. Corria o ano de 1853.

Isabel Emília de Sousa Vahia de Morais Madureira, Viscondessa de Balsemão, era filha dos primeiros Condes de S. João da Pesqueira. Jovem, mas viúva, porque o marido, terceiro Visconde de Balsemão, falecera¹⁴. E casou de novo com um homem de vinte e seis anos o qual, corria o ano de 1854, entrou numa família notória pelo seu catolicismo. O Visconde de S. João da Pesqueira († 1925) era irmão da Confraria de Nossa Senhora do Carmo do Porto, cidade onde se distinguiu por actuar como apóstolo no meio do operariado.

O Catolicismo Portuense de 1870

O casal Roberto Woodhouse-Viscondessa de Balsemão irá constituir um pólo de atracção intelectual no Porto, tanto mais que a conversão contribuiu para afastar um tanto o casal do convívio dos ingleses, facto de que beneficiaram os portugueses. Data deste tempo o início das relações entre Roberto Woodhouse e essa notável figura de católico que é Francisco de Azeredo Teixeira de Aguillar, o Conde de Samodães¹⁵ e com o pai de um futuro bispo, D. Teotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro, e com outros do chamado «catolicismo portuense», que viajavam todos os anos para lá dos Pirinéus, em peregrinações repetidas a Lourdes,

¹⁴ Cf. MAGALHÃES BASTO, *op. cit.*; Id., *Figuras Literárias do Porto*. Porto 1947, 199-208.

¹⁵ A. FERREIRA PINTO, *Conde de Samodães*. Porto 1942; MANUEL CLEMENTE, *Perfil de um Leigo: Francisco d'Azeredo Teixeira de Aguillar*, in *Laikos IX*, 4 (Lisboa 1986), 471-478

que, foi ao tempo, o elo de encadeamento da acção dos católicos europeus.

A Igreja portuense, nos anos que vão de 1854 a 1870 vive, tal como outras dioceses, momentos irregulares. O primeiro bispo que Roberto conheceu no Porto foi D. Jerónimo José da Costa Rebelo, bracarense, pastor entre 1840 e 1854, que ficou na história como grande pastor. Seguiram-se cinco anos de governo de D. António Bernardo da Fonseca Moniz que, ou por feitio, ou por carências monetárias da diocese, ganhou fama de avaro. Há, depois, um ano com D. João de França Castro e Moura que antecede um grande bispo e um altivo episcopado — D. Américo Ferreira dos Santos Silva († 1899), um portuense de Massarelos e um pastor de fecundíssima acção, catalizador da época áurea dos campeões católicos portuenses¹⁶.

Estes campeões iam subindo. Olhavam eles para o movimento católico na Bélgica, na Alemanha e na França, e reflectiam acerca do ajustamento desse movimento à condição portuense. O Conde de Samodães não se fazia esperar e, político por natureza, fazia-se eleger vice-presidente da Câmara Municipal do Porto (1856) e, no mesmo ano, deputado pelo círculo de Lamego. O ambiente cultural portuense refervia em assembleias e em colectividades, em jornais e em revistas, em emanção de ideologias¹⁷. O noticiário sobre a guerra cultural na Alemanha, contra a *Kulturkampf*, subia de tom. Em cenáculos e em serões, padres e leigos conversam e meditam, sobre a questão — se é necessário fazer algo de semelhante em Portugal. O consenso existe. Lê-se tudo o que mais importa sobre a actuação de Monsenhor Guilherme Ketteler († 1877) e do político Luís Windthorst († 1891) na Alemanha, e os frutos colhidos pelo Centro Católico¹⁸ na luta pela unidade da nação alemã, pela reforma social, e pela liberdade da Igreja. As condições portuguesas parecem análogas, e, por isso, o sentimento de análoga acção social e política.

¹⁶ FORTUNATO DE ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*, III. Porto 1970, 575 e segs.

¹⁷ BRUNO, *O Porto Culto*. Porto 1912. Cf. P. GOMES, *A Renascença Portuguesa*. Teixeira Rego. Lisboa 1984, cap. III, onde é possível obter uma síntese das correntes de pensamento portuenses na segunda metade do século XIX.

¹⁸ Cf. as biografias de Ketteler e de Windthorst in *Construtores do Mundo Contemporâneo*, Vol. II. Porto 1982, 157 e segs. e 269 e segs.

Nem tudo caminhava depressa. Os cânones do *Syllabus*, promulgado pelo papa Pio IX, haviam contribuído para certo ganho de consciência em termos de acção, mas não era fácil construir uma casa da noite para o dia. Os intelectuais católicos achavam-se divididos entre legitimistas de cepa velha e liberais, alguns deles furibundos. Muitos deles eram gente ordenada, tornando-se necessária uma presença mais percentuada de leigos. Os teólogos facultativos de Coimbra andavam em desavenças. Samodães queria acção. D. Francisco Correia de Lacerda queria negociação. Roberto Woodhouse parecia não dispôr de tempo senão para ler e meditar nas leituras inglesas e francesas que lhe iam chegando e sobre as quais a sua britânica fleuma rebentava pela costura do protesto. Estava de mal com a teologia alemã, com o positivismo francês, com o evolucionismo inglês.

Finalmente, o tempo favorável chegou. O ano de 1871 foi investido na acção, discreta e lenta, mas congregativa. O Congresso dos Escritores e Oradores Católicos (Porto, 27 de Dezembro de 1871 - 5 de Janeiro de 1872), o primeiro congresso católico português, subtilmente destinado a criar no país uma onda de implantação da política católica efectuou-se e, não obstante todas as limitações, foi um sucesso em termos de consequências¹⁹. Ainda que o congresso em si mesmo fosse modesto (era a primeira experiência, realizada com algum temor, processada entre prudências) ele ficaria a inaugurar uma nova época da intervenção católica na vida portuguesa, sendo, de longe, a primeira raiz da moderna democracia cristã no pensamento político português²⁰, lançada sob a benevolência do olhar do presidente do congresso, D. Francisco Correia de Lacerda. Foi uma resposta às Conferências do Casino²¹, ocorridas em Maio de 1871, foi uma recapitulação das doutrinas pontifícias, foi uma apologia do catolicismo, foi uma ascensão do pensamento de Pio IX, foi, enfim, o despoletar de novas coisas para a vida portuguesa.

¹⁹ P. GOMES, *Os Congressos Católicos em Portugal*. Lisboa 1984, 29. Para uma visão exegetica, cf. MANUEL CLEMENTE, *Primeiro Congresso Católico Português*, in *Laikos*, X, 4 (Lisboa 1987), 375-390.

²⁰ MANUEL BRAGA DA CRUZ, *As Origens da Democracia Cristã e o Salazarismo*. Lisboa 1980; P. GOMES, *Política e Acção Social Cristãs em Portugal (1830-1980)*. Lisboa 1986.

²¹ MANUEL CLEMENTE, art. cit. in *Laikos*, X, 4 (1987), 375-390.

Há um facto a reter: o breve de Pio IX, *Maximas sine intermissione*, aconselhando a fundação das associações católicas, tem a data de 23 de Fevereiro de 1872. O congresso portuense ocorreu mais de um mês antes e foi no seu ambiente que se preconizou a fundação do núcleo católico, que é um dos mais antigos da Europa, a venerável Associação Católica Portuense, que, em tempos, federou múltiplos organismos e diversas organizações católicas. A Associação Católica Portuense fundou-se em Abril de 1872. Roberto Woodhouse foi eleito presidente, numa Assembleia Geral preparatória, realizada em 10 de Março desse mesmo ano. Reconduzido no lugar para o ano de 1873-1874, cumpre a sua missão, abandonando as funções em 1874 quando, nos começos do ano lectivo, decidiu, por causa da formação dos filhos, estabelecer residência em Coimbra, sendo substituído pelo Conde de Resende que, desse modo, assumiu a presidência da Associação Católica Portuense. Na presidência de Woodhouse a Associação fundou o diário católico *A Palavra* (1.8.1872-15.2.1911) de cuja administração, por inerência, Woodhouse foi presidente. E colaborador. Entre 1872 e 1876 é frequente a sua colaboração, de índole apologética, doutrinal e social. Limitava-se a assinar W. (William), porque os leitores sabiam quem era W.

Luís Woodhouse

Roberto Guilherme Woodhouse teve filhos espirituais, incarnados nos seus livros, e filhos carnis, isto é, os filhos do seu matrimónio, por via dos quais se transferiu para Coimbra, no intento de os acompanhar e assistir nos estudos. Antes de prosseguirmos, seria imprudente não interromper a narrativa, para um parêntese, deixando já arrumado o aspecto dos filhos do matrimónio.

O casal Woodhouse teve dois filhos: Roberto Eduardo Sebastião Woodhouse, que faleceu solteiro, em 1889, tendo sido distinto estudante, e Luís Inácio Woodhouse (Porto, 31.7.1858 - Porto, 13.3.1927)²², bacharel em Matemáticas pela Universidade

²² *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Vol. 36, 917. Agradeçamos a confirmação que nos foi gentilmente dada pela Secção de Matemática Pura, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em carta assinada por D. Margarida Moreira Barros.

de Coimbra, sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, Lente do Instituto Comercial e do Instituto Superior de Comércio do Porto, professor de Matemática (desde 1884) na Academia Politécnica portuense e, por fim, catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, em cujo serviço se jubilou. Era, quando faleceu, vice-reitor da mesma Universidade. Figura elegante, segundo as crónicas do tempo, mente de rigor e de precisão, regeu a cadeira de Álgebra durante mais de quarenta anos, e ainda dispôs de tempo para seguir a esteira do pai na área do comércio dos vinhos, pelo que foi director da Companhia Vinícola do Norte. Casou com D. Helena Teixeira de Brederode, e foi pai de um filho (Luís Diogo Woodhouse, que veio a ser oficial da Marinha Portuguesa) e de quatro filhas (cujos nomes ignoramos) e que vieram a casar com os srs. Augusto Kendall, Alfredo de Sá Passos, Mário de Castro Reis e Eduardo de Serpa Ferreira, pelo que Luís Woodhouse teve quatro genros.

Foi colega de um matemático que, por suas ideias filosóficas, era declarado opositor a seu pai, Pedro de Amorim Viana († 1901) e discípulo do notável católico e matemático, Francisco Teixeira Gomes, ao qual deu variada colaboração para o *Jornal de Sciencias Mathematicas e Astronomicas* (Coimbra, 1877-1901?). A sua obra matemática é vária e valiosa, tendo trazido novos contributos à solução do método de Horner e à revisão dos adiantamentos da álgebra portuguesa para a álgebra moderna. É considerado um dos mais puros matemáticos da escola de Teixeira Gomes²³, e mestre de Augusto Martins, o matemático da «Renascença Portuguesa». No seu funeral, que saiu da Rua do Breiner, 118, onde morava, para o cemitério do Prado do Repouso, o orador oficial foi Leonardo Coimbra, que teceu um cântico de louvor à vida espiritual, cântico esse que, para nosso mal, a imprensa não conseguiu, nem delidamente, registar²⁴.

²³ AUGUSTO MARTINS, *In Memoriam. Luís Woodhouse*, in *Portucale*, I, 1 (Porto 1928), 43; JAYME DE SOUSA, *Gomes Teixeira e a sua Acção no Ensino Superior do Porto*. Porto 1968.

²⁴ Cf. *O Primeiro de Janeiro*, ano 59, n.º 61 (Porto, 15.3.1927), 1.

A Obra Apologética de Roberto Woodhouse

A transferência para Coimbra foi intelectualmente benéfica. Homem reflectido, cauteloso ao jeito britânico, ruminava as leituras, testava os pontos de vista, e só depois de cautelosa elaboração poderia exprimir o seu parecer. Ora, no Porto, ele fazia leituras, segundo se presume, ou nas línguas originais dos autores que lia, ou em versões francesas e inglesas. O evolucionismo, sobretudo de Darwin e de Lamarck, fazia carreira. O anticlericalismo²⁵, apoiado em dezenas de jornais e de pasquins, triunfava, achando cumulativa expressão no portuense *A Tarde* onde, brevemente, o brilho de Sampaio Bruno ofuscava outros publicistas.

O maçonismo — os ingleses achavam-se sob suspeita de serem mações, mas isto não passava de uma tolice popular, dado haver alguns ingleses maçónicos, e muitos outros que não eram tal coisa — actuava e provocava uma onda de reacção doutrinal que os católicos portuenses apoiavam, em sintonia com o magistério pontifício.

A modernista cristologia alemã fazia praça. *A Vida de Jesus criticamente elaborada (Das Leben Jesu, Kritisch beitet)* de David Frederico Strauss († 1872) aparecera em 1835 e, com a morte do autor, voltara a gozar de novo prestígio. A leitura mítica dos Evangelhos e a redução de Jesus a mito, na assunção de que a verdade cristã depende de um mito elaborado, contribui para a diminuição da ideia de querigma. Como em Neander, o que conta é a verdade que se cria no peito de cada um, ao modo de um neopietismo científico, *pektoraltheologie*, tudo isso dando, senão toda a razão, pelo menos alguma força às tendências ateístas que o ateísmo francês, mormente a partir de Voltaire, sistematizara. O historicismo de Renan (a *Vida de Jesus* saiu em 1863 e, logo no ano seguinte apareceu na versão portuguesa de F. F. da Silva Vieira, editada no Porto), menos difícil de entender do que a cristologia de Neander e de Strauss, fazia vítimas. O racionalismo esperava, no meio da disputa, o momento para intervir. Alguns marcos: Pedro de Amorim Viana publica *Defesa do Racionalismo ou Aná-*

²⁵ Não obstante algumas tentativas esparsas, o fenómeno do anticlericalismo em Portugal continua a solicitar um diagnóstico médico, porque há indícios de ser uma moléstia. As perspectivas sociológicas e políticas não têm dado solução que satisfaça.

lise-da Fé, em 1866, ganhando direito ao título de profundo teólogo racionalista, que não carece de negar a fé. J. M. da Cunha Seixas, um ideal-racionalista, apresenta o pantiteísmo a partir de 1870 e, em 1874 Sampaio (Bruno) torna pública uma terrível e fria, mas comovida, análise hermenêutica — *Análise da Crença Cristã*²⁶. De outro lado surgem respostas. A *Divindade de Jesus*, em que o admirável Camilo responde a Renan e a Strauss, sai em 1865 e o Marechal de Saldanha publica *A Verdade*, era o ano de 1868. Outros apologetas aparecem no horizonte português, bastando citar uns poucos: Visconde de Azevedo († 1876) opositor de Renan, de Herculano e mesmo de certas subtilezas cristológicas do Cego de Seide, José Maria de Sousa Monteiro, J. J. Sena de Freitas, o Conde de Samodães e, sem dúvida, o bracarense Luís Maria da Silva Ramos.

Em Coimbra, Roberto Woodhouse estava livre dos afazeres comerciais, conquanto subisse de quando em quando ao Porto, e isento do militantismo associativo. Estava numa cidade onde um novo bispo, apetente de renovação — D. Manuel Correia de Bastos Pina²⁷ — chegara, para as tarefas da modernização intelectual e social da Igreja, preparando o advento do neotomismo, por isso que, logo a seguir à *Aeterni Patris* (1879) reformaria o ensino filosófico no Seminário de Coimbra, fundando a revista *Instituições Christãs*, relógio de ponto de neotomismo conimbricense. Tinha o convívio do doutor José Maria de Lima e Lemos (Vouzela, 1794-178), director espiritual do Convento das Teresinhas de Coimbra, Lente da Faculdade de Direito, demitido em 1864, por alegação de legitimista, e grande orador sacro, autor do elogio fúnebre do bispo de Viseu, D. Francisco Alexandre Lobo.

As condições de sossego e de diálogo eram favoráveis. Em 1875 tinha 47 anos de idade, tempo de pôr em escrito o que pensava. E assim fez. Está, por isso, fora de causa, que a sua breve mas densa obra apologética foi redigida em Coimbra, conquanto impressa no Porto, cidade onde o Conde de Samodães realizava comprida e sólida obra de apologeta, já como escritor, já como tradutor, pois, entre o mais, a tradução da *Apologia do Cristia-*

²⁶ AMORIM VIANA, *Defesa do Racionalismo*. Nova edição. Lisboa 1982. *A Análise*, de Bruno, carece de uma edição crítica.

²⁷ Cf FERREIRA DEUSDADO-PINHARANDA GOMES, *A Filosofia Tomista em Portugal*. Porto 1978. Aí se compilam várias informações sobre o neotomismo de Coimbra e as tarefas do bispo Bastos Pina.

nismo, do alemão F. Hettinger, em cinco volumes, começou a sair em 1876, concluindo-se em 1878. Não nos é difícil imaginar as pressões que Samodães exerceria em Woodhouse para que este actuasse também como publicista. No Porto, apenas conseguira escrever um primeiro e breve opúsculo. No entanto, Woodhouse não tinha intenção de escritor, confessando: «Não tenho pretensões a ser literato, muito menos a escritor público ... não ambiciono os encómios do século, mas sim a paz da consciência»²⁸. A sua obra literária, filosófica e apologética ficou reduzida, para além da colaboração no jornal *A Palavra*, aos seguintes títulos:

1. RESPOSTA / AOS / DETRACTORES E MOFADORES / DA / RELIGIAO / E DOS SEUS / MINISTROS / por / ROBERTO GUILHERME WOODHOUSE / Epígrafe: *Quareti derisor Sapientium, et non invenit.* / O mofador busca a Sabedoria e não a acha. / PROVERBIOS XIV, 6 / PORTO, / NA TYPOGRAPHIA DE MANOEL JOSÉ PEREIRA, / Rua de Santa Thereza, 4 e 6 / — / 1872. Quarto de 16 páginas.
2. A SCIENCIA HODIERNA / E / O DOGMA CHRISTAO / OU / Considerações breves / sobre as principaes objecções levantadas / contra o christianismo / pelos pseudo-sabios dos nossos dias / POR / ROBERTO GUILHERME WOODHOUSE / Vinheta / Livraria Internacional / de / Ernesto Chardron / Eugenio Chardron / 96, Largo dos Clerigos, 98 / 4, Largo de S. Francisco, 4A / PORTO-BRAGA / 1875. [Impresso na Tipografia de António José da Silva Teixeira, 62, Rua da Cancela Velha, Porto, 1875]. Quarto de 98 páginas.
3. O NATURALISMO / OU / O DOGMATISMO APPLICADO A SCIENCIA / por ROBERTO GUILHERME WOODHOUSE / Vinheta / Livraria Internacional [como no volume anterior] 1875. [Impresso na mesma Tipografia, 1875]. Quarto de 80 páginas.
4. A «LENDA» DO EDEN / OU / CONSIDERAÇÕES SOBRE A REALIDADE AUTHENTICA DA CATASTROPHE / SUCCEDIDA AOS NOSSOS PRIMEIROS PAIS NO PARAIZO / POR / ROBERTO GUILHERME WOODHOUSE / Vinheta / Livraria Central / de / J. E. da Costa Mesquita - Editor / 54 - Praça de D. Pedro - 55 / Vinheta / RIO DE JANEIRO / Agostinho Gonçalves Guimarães & C., B. L. Garnier / A. A. Lopes do Couto e J. Neves Pinto / 1875. [Impresso na Tipografia de Manoel José Pereira, Rua de Santa Teresa, 26, Porto, 1875. Quarto de VII + 70 páginas. Ilustrado, *ab initio*, com uma reprodução de um quadro (que Autor?) alusivo à expulsão do Paraíso]²⁹.

²⁸ WOODHOUSE, *Resposta aos Detractores* (1872), 4.

²⁹ Exemplares existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa.

As Fontes

O autor parte do que os escritores, apologetas e filósofos da sua época lhe apresentam em matéria de ideias e de teses sobre o homem, a religião e a Igreja, elaborando o comentário depois de aferir tais ideias e tais teses ao magistral e ao comum saber da tradição eclesial. O quadro de cultura em que a sua mente exercia o labor pode configurar-se pelo conhecimento dos autores e das fontes de que se serve, já para as utilizar em favor da sua própria tese, já para as recusar, por não lhe ser consentido aceitá-las, ou por motivos de fé, ou por excelência de razão.

As principais fontes autorais achadas nos vários escritos em apreço são as seguintes:

1. Sagrada Escritura: *Vulgata*, de S. Jerónimo; *Bíblia Sagrada*, na tradução de António Pereira de Figueiredo. Os livros a que o autor deu preferência, foram: *Antigo Testamento* — Amós, Daniel, Eclesiástico, Ezequiel, Génesis, Isaías, Jeremias, Job, Joel, Livro dos Reis, Malaquias, Oseias, II Paralipómenos, Provérbios de Salomão, Salmos, Zacarias. *Novo Testamento* — João, Lucas, Mateus, Paulo, Pedro.
2. Escritores clássicos: *Historiadores* — Dión Cassio (romano), Flávio Josefo (judeu), Plínio o Jovem (romano), Suetónio (romano), Tácito (romano); *Poetas* — Hesíodo (grego), Horácio (romano), Quinto Ênio (romano), Valério Marcial (romano), Tito Plauto (romano); *Filósofos* — Aristóteles (grego), Filon de Alexandria (judeu), Marco Aurélio (romano), Demócrito (grego), Epicuro (grego), Tito Lucrécio Caro (romano), Pitágoras (grego), Plínio, o Velho (romano).
3. Padres: Justino Mártir (palestino) e Tertuliano (romano).
4. Gnósticos: *Livros dos Pársis*, ou *Zend Avesta*.
5. Escritores Modernos: *Naturalistas* — Camilo Flammarion (francês), Carlos Darwin (inglês), Carlos Lineu (sueco), Eduardo Plassman (alemão), Jacob Molleschot (holandês), Jacques Boucher de Perthes (francês), João Baptista Lamarck (francês), Karl Vogt (alemão), Ludwig Büchner (alemão); *Filósofos* — Carlos Beke (inglês), David Frederico Strauss (alemão), Emílio Littré (francês), Ernesto Renan (francês), Francisco Remusat (francês), João Neander (alemão), Pedro Beaumarchais (francês), Tomás Hobbes (inglês), Tomás Huxley (inglês), Tomás Paine (inglês), Voltaire (francês).
6. Imprensa católica: *Ami de la Religion* (francês).

Um balancete efectuado mediante simples olhar da anterior enumeração evidencia alguns valores a reter: primeiro, que a sua educação anglicana se revela na maior frequência da utilização da Sagrada Escritura, só muito raramente se socorrendo dos Padres, provando a sua familiaridade com a leitura bíblica; segundo, mostra conhecimento mais amplo da literatura latina do que da filosofia grega, o que está de acordo com os estudos ingleses do século XIX, em que os estudos humanísticos incluíam o latim, sendo o grego considerado um estudo menos comum; terceiro, dá provas de leitura dos principais naturalistas dos séculos XVIII e XIX, mormente dos autores evolucionistas e da biologia evolucionista, que rejeita, ainda que, no seu entender, o evolucionismo de Darwin seja eficaz; quarto, conhece os teólogos franceses e alemães autores da nova cristologia, mas não lhes aceita as teses.

É óbvio que o apologeta conhece outros autores, que, aliás, também cita em seus escritos, embora não nos apareçam como fontes propriamente ditas, mas sejam mencionados como pontos referenciais, ou como tópicos de orientação. Deixou-nos, aliás, uma página substanciosa em que nos permite saber quais eram, para ele, os «inimigos do Cristianismo», página essa por onde deduzimos a sua posição face a cada um dos escritores, cientistas e filósofos mencionados nos escritos. Assim, foram inimigos antigos do Cristianismo: Celso, Porfírio, Juliano, Noeto, Paulo de Samosata, Sabélio, Marcelo, Fotino, Novato, Novaciano e Prisciliano³⁰; foram inimigos modernos: Espinosa, Hegel, Wolff, Strauss, Littré, Renan, Schoebel, Levallois e Reville³¹. Não há uma verdadeira modificação das aníteses. Tais antíteses ao Cristianismo são a essência de uma tradição continuada no mundo e os inimigos modernos repõem, com outras roupagens e diferentes ornamentos, as teses dos inimigos antigos.

³⁰ Nesta época, o galaico-lusitano Prisciliano ainda era tido e havido como heresiarca. O Conde de Samodães, na biografia sobre Teresa de Ávila, também faz a crítica de Prisciliano que, hoje, está provado, foi menos heresiarca do que se supôs, e mais rigorista moral e ascético do que se conjecturou. Cf. P. GOMES, *Patrologia Lusitana*. Porto 1983. Cap. Ciclo Medieval, V.

³¹ WOODHOUSE, *A Ciência Moderna*, 9.

Enfim, no contexto das autoridades entre as quais o autor se move é de anotar a ausência de portugueses, tanto mais que ele conheceria os trabalhos de Pedro de Amorim Viana e de Camilo, por exemplo. A omissão pode explicar-se por simples estratégia: omitindo os autores portugueses, que estavam vivos, Woodhouse evitava o risco de uma polémica, à qual o seu feitio era arredo e, centrando-se nos autores estrangeiros poderia refutar, por concomitância, os que, portugueses, apresentavam análogas teses.

Aspectos do Ideário

O valor social da Religião é aspecto de capital instância no pensamento do autor portuense. Ao espírito positivo da época não podendo convencer com o argumento da fé, o autor propõe o argumento da conveniência social, tentando mostrar que a Religião ainda subsiste como o reduto onde a humanidade rectifica as tendências negativas. As doutrinas de Woodhouse não foram apreciadas pelo reinante positivismo, como demonstrou António Ferrão, que, recensionando três dos opúsculo do apologeta portuense, faz ironia cáustica com o pormenor de o opúsculo sobre o Éden, vir ilustrado com uma gravura onde se vêem Adão e Eva, anotando que o autor, se não fosse anacronismo, poderia ilustrar o seu ensaio com uma fotografia dos nossos primeiros pais, cometendo o «pecado original»³³. Ferrão estava, mais do que Woodhouse, obcecado por esse enigma da humana história.

O opúsculo *Resposta aos Detractores* constitui uma oração e uma apologia dos santos e dos pobres de espírito que, mofados pelos jornais anti-Igreja e pelos detractores, ainda intercedem em seus actos e em suas orações, pelo bem dos inimigos. O missionário surge, na visão de apologeta, como o típico servidor do homem, o que incarna a dimensão do serviço cristão.

A *Ciência Hodierna* (dedicado ao seu amigo Dr. José Maria de Lima e Lemos), tem por fim «prevenir a sociedade contra a incerta luz de uma falsa ciência»³⁴. Algumas teses importa salientar.

³² Id., *Resposta*, 9.

³³ ANTÓNIO FERRÃO, *António Cândido como Pensador*. Lisboa 1924, 72.

³⁴ Id., *A Ciência Humana*, Proémio.

A Ciência é um resumo de conhecimentos humanos³⁵. Não se opõe à Religião, que é «a expressão da sabedoria de Deus»³⁶. Nesse caso, porque, no século, aparece tão gravosa essa antinomia entre Ciência e Religião? Em primeiro lugar, porque a Ciência quer assumir-se *dogma*, ela própria revelação única, negando a natureza divina do Logos Revelador, e transformando as questões científicas em dúvidas contra a fé. A aplicação dita científica tornou-se mais gravosa em relação ao Cristianismo, que passou a ser tratado como uma ciência, em que o próprio Cristo surge como objecto de uma ciência, a cristologia. Woodhouse nega que a cristologia, pelo menos a de Renan e a de Strauss, constitua uma ciência. Mais, o Cristianismo não é uma ciência, é uma religião, revelação divina ao homem caído para se salvar. Não é um método científico, é um caminho espiritual. A ciência hodierna, entrando nas vias que escolheu, assenta, ou no ateísmo (que conduz à tirania) ou no teísmo (que é um puro idealismo), ambos cerrando as portas ao projecto cristão. Os valores situados nas virtudes, a virgindade, a missionação, a santidade, são postos em causa, pelo que a ciência hodierna constitui um enorme sofisma, sobretudo quando tenta passar da esfera das ciências naturais para a esfera da metafísica e da revelação. Os estudos escriturísticos modernos, levados a efeito por cristãos, exemplificam, com maior gravidade, a realização desse sofisma. Em antítese, Woodhouse postula a historicidade e a santidade da Bíblia, e propõe que o cientismo é um sensualismo, ao qual o cristianismo, «elevação do ser humano à plana que lhe compete como agente livre racional»³⁷, está em posição de vencer, como a verdade vence o erro.

O autor gosta de resumir a objecção e de, a seguir, lhe responder, seguindo um método da escolástica forense. De uma forma mais explícita, o ensaio sobre *O Naturalismo* destina-se a fazer o contraponto do cientismo oitocentista, com realce para a questão evolucionista que, também em Portugal, estava muito viva. Woodhouse expõe uma teoria do conhecimento cosmológico: conhecemos os movimentos do mundo externo segundo a aparência, não segundo a realidade. Por isso, o carácter dogmático das

³⁵ Id., *ibid.*, 8.

³⁶ Id., *ibid.*, 8.

³⁷ Id., *ibid.*, 45.

ciências naturais, elevadas a «verdade absoluta»³⁸ é outro sofisma, resumível no teorema que pretendesse sinonimizar os termos «ciência humana» e «sabedoria divina». Anti-atomista, com algumas notações de feição aristotélica (na teoria do conhecimento o autor segue facilmente uma vertente criacionista, como via para dissolver o evolucionismo) propõe a ciência como simples *processo* inerente ao conhecimento da *accidencia*, ou dos acidentes próprios do conhecimento dito científico, dela ficando excluída a *essência*, por estar para além da *accidencia*³⁹. Ora, padecem de erro, à partida, os sistemas correntes do materialismo, do naturalismo, do panteísmo e do eternismo materialista, por exemplo. Tais sistemas científicos dão aso a ideologias éticas e morais que também são erro: «Panteísmo, Ateísmo, Fatalismo ou Materialismo — fases diversas de um e o mesmo erro»⁴⁰.

O naturalismo, de que o evolucionismo é um simples aspecto, peca também por dogma, havendo um dogmatismo científico, um dogmatismo naturalista, que visa a morte da religião positiva⁴¹. Mal por mal, Woodhouse prefere o *criterium veritatis* cartesiano; e, generalizando um tanto, pelo antinaturalismo vem a tombar num temor da filosofia, como se todo o filósofo fosse um perigo. Contra a filosofia socorre-se de S. Paulo: *videte ne quis vos decipiat per philosophiam*⁴².

O mistério da criação veio a ser, no naturalismo e no cientismo, o nó górdio de todas as problemáticas. O ensaio sobre *A Lenda do Éden* (escrito em Coimbra, em Setembro de 1875) é um texto que reflecte, na sua brevidade, o enorme amontoado de teses e de antíteses, de proposições e de objecções que foram lidas e discutidas nesse tempo⁴³. É, na essência, uma defesa do

³⁸ Id., *O Naturalismo* (1875), 6.

³⁹ Id., *ibid.*, 12.

⁴⁰ Id., *ibid.*, 45.

⁴¹ Id., *ibid.*, 7.

⁴² Col., 2, 8. WOODHOUSE, *id.*, *ibid.*, 5.

⁴³ O quadro da filosofia evolucionista portuguesa está por formular. Não obstante, é de leitura educativa o tratado de JOSÉ MARIA RODRIGUES, *Pensamento e Movimento. Estudo Histórico-Crítico sobre o Materialismo Contemporâneo*. Coimbra 1888. Coligimos algumas informações sobre bibliografia evolucionista nos tomos II e IV do nosso *Pensamento Português*.

dogma cristão contra o positivismo, uma analogia do milagre contra o materialismo positivista, uma invectiva contra Strauss. Mais: é um belíssimo comentário ao *Génesis*, 2,7 na passagem relativa ao pecado original, que examina mais do ponto de vista filosófico do que do ponto de vista dogmático, para concluir que, o evento, embora narrado sob uma forma poética e alegórica é um facto histórico, e que a dedução histórica do pecado original é Cristo, incarnado e crucificado para o universal resgate⁴⁴. Nega, por isso, ao evolucionismo, toda e qualquer autoridade para abordar um mistério, que não é da esfera dos acidentes. Mediante o pecado, que recurso? A «árvore da vida», a «Cruz do Redentor»⁴⁵. Cristo é odiado, por conseguinte, quando, os que não podem negar a existência histórica de Jesus, tentam, pelo menos, privá-lo do carácter divino.

Recusando a possibilidade de uma «ciência da razão pura»⁴⁶, efectuando a crítica do diabolismo e do sensualismo patentes no cientismo e no naturalismo, Roberto Woodhouse deixou-nos, principalmente, admiráveis páginas de Cristofilia. *Cristo é o Revelador da Ciência*.

A «Resposta aos Detractores»

Breve opúsculo, mais sentido do que reflectido, ainda que sentido ao modo britânico, que já é uma forma de reflexão activa, a «Resposta aos Detractores» contempla o universo do anticleri-

⁴⁴ Um racionalista portuense, J. Teixeira Rêgo, retomou o tema do mistério do Génesis e do pecado original num ensaio intitulado *Nova Interpretação da Tragédia do Génesis* (1908). Dessa interpretação fez depender a sua teoria messianológica variamente exposta num livro notável, ainda que discutível—*Nova Teoria do Sacrifício* (1910). O pensador portuense aceita, como Woodhouse, a historicidade dos acontecimentos do Génesis e, baseado no versículo 29, interpreta o pecado original como uma mudança antinatural do regime alimentar. Isto é: contra a lei natural, o homem matou, fez sangue, comeu carne e introduziu o mal no Paraíso. Segundo T. Rêgo, o pecado original dá-se na passagem do *regime frugífero* para o *regime carnívoro*.

⁴⁵ WOODHOUSE, *A Ciência Moderna* (1875), 90.

⁴⁶ Id., *ibid.*, 11.

calismo oitocentista. Como não há um perfeito diagnóstico do anticlericalismo, pois jamais se elaborou uma visão epistemológica dessa «doença», ou dessa «reacção», ou desse «pensamento», em que as causas arqueológicas, os meios fenomenológicos e os fins teleológicos fossem identificados com rigor inequívoco, temos de nos limitar a fixar os casos aludidos e referidos por Woodhouse, e postecipar a análise do seu argumentário até dispormos do exame clínico deste fenómeno do anticlericalismo. Há-de ver-se que o autor não contempla literalmente os detractores portuenses, que eram muitos, e organizados, em jornais, em clubes e em revistas. Ele perspectiva uma casuística europeia: a repulsa pelos ministros sagrados.

Nós ignoramos, repetimos, as causas do fenómeno, nem sequer sabemos se nasce no meio eclesial, se nasce fora dele, como meio de abater os valores eclesiais. Woodhouse solicita-nos, porém, um retorno ao problema, que foi tema da literatura destrutiva dos valores tradicionais, num século que se caracterizou pela urgência do diálogo entre a Ciência e a Religião.

Achámos desnecessário aditar qualquer nota ao texto, suposto que o leitor não necessitará. O prefácio visa apenas um enquadramento do autor na sua época, indicando as linhas capitais do seu ideário, sem outra pretensão que não seja a de obter um primeiro esboço de biografia.

O Falecimento

Como se ansiasse pelo retorno ao Paraíso, o ensaio sobre o Éden foi o seu último escrito, publicado na vertente final de 1875. Saiu, em tempo, de Coimbra para o Porto, onde já se achava em princípios de 1876. Era o mês de Abril, e dois factos se acham noticiados nos jornais: em Berlim, o casamento de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, com o portuense Joaquim de Vasconcellos; em Inglaterra, na paróquia de Hambleton (Norwich) o pároco anglicano, Rev. J. Webb, entrava na Igreja Católica.

Em 20 de Abril de 1876, no Porto, Roberto Woodhouse entregava a alma a juízo supremo. Enterrado no cemitério do Prado do Repouso, a notícia só veio a público dois dias depois, quando os familiares (a esposa, os dois filhos, e o cunhado, o Visconde de

S. João da Pesqueira) convidaram as pessoas das suas relações para o Responso rezado na igreja de Nossa Senhora do Terço e da Caridade, à hora das Avé Marias, do dia 22 de Abril de 1876⁴⁷.

J. Pinharanda Gomes

Praceta António Luís Lopes, Torre O, 2.º A D.^{1º}
Santo António dos Cavaleiros
2670 Loures

RESPOSTA AOS DETRACTORES E MOFADORES DA RELIGIÃO

APOLOGIA

Não foi minha intenção, nestas mal traçadas páginas, revelar beleza de estilo, flores de retórica, rasgos de sublime eloquência. Não tenho pretensões a ser literato, muito menos a escritor público; e se as tivesse, seria em mim absurdo e ridículo porque me faltam completamente as habilitações precisas. Não ambiciono os encómios do século, mas sim a paz da consciência, para mim e para os meus semelhantes, meus irmãos em Jesus Cristo pela graça e pela Redenção. É pois em nome dessa paz, que passa toda a compreensão, essa paz que alguns homens, iludidos talvez, querem perturbar, que eu, o mais indigno soldado da milícia de Cristo, levanto este débil protesto, como Cristão, como Pai, como membro da grande família Humana.

Possa este fraco brado repercutir nos ouvidos daqueles a quem é dirigido, para proveito seu, para glória de Deus e para a paz e união entre os homens de boa vontade!

Quærit derisor sapientiam et non invenit.

O mofador busca a sabedoria e não a acha.

PROVÉRBIOS DE SALOMÃO, XIV, 6.

⁴⁷ Cf. *O Primeiro de Janeiro*, ano 8, n.º 93 (Porto, 22.4.1876), 3.

Como a Religião Cristã se opõe às paixões e às más inclinações da parte corrompida do género humano, assim tem ela encontrado em toda a parte e em todas as épocas inimigos declarados e irreconciliáveis. Às vezes tem ela sustentado as procelas das mais violentas perseguições; outras vezes tem sido atacada pelas armas do falso raciocínio e do sofisma; e como estes meios têm falhado sempre, tem-se a Igreja visto exposta ao ridículo e aos escárneos dos petulantes. Homens frívolos e levianos, despidos de compreensão para poderem distinguir ou apreciar o que é grande, faltos de juízo ou critério sólido para decidirem sobre o que é verdadeiro, ou então orgulhosamente malévolos e pertinazmente rebeldes a todo o bom sentimento, têm tomado sobre si a tarefa de meter a ridículo tudo quanto diz respeito à Religião, como se ela fosse coisa de pouca ou nenhuma consequência para o mundo. Este grande edifício, há tantos séculos a veneração do género humano, a força dos fracos, a consolação dos desditosos, o estudo dos sábios, a admiração dos prudentes, eles têm querido fazer passar por um parto da imaginação esquentada de fanáticos e visionários!!

Estes são os escarnecedores e homens impostores que o bemaventurado Apóstolo S. Pedro predisse, que viriam nos últimos tempos. Não ousam atacar a Religião e os seus dogmas cara a cara, porque não têm habilidade para isso, conhecendo sua insuficiência; recorrem porém às desprezíveis armas da calúnia e do ridículo, criando jornais expressamente para esse fim e a preços baratos, para mais facilmente disseminarem entre as classes pouco abastadas e menos ilustradas a peçonhenta e nauseabunda baba da impiedde e irreligião.

As doutrinas da Religião Cristã são racionais e puras. Tudo quanto ela nos tem revelado acerca das perfeições da Divindade, suas leis e moral, o destino do homem e os prémios ou castigos dalém túmulo, são perfeitamente consoantes a uma boa e ilustrada razão. Há todavia, certos artigos de Fé que ultrapassam o limite das nossas faculdades actuais; tais são, a Essência da Divindade, a queda do homem, sua redenção por Jesus Cristo, o *modus operandi* da Graça nos Sacramentos *et cetera*, e muitos mais que nos são misteriosos e obscuros. Contra estes por várias vezes se têm dirigido os ataques do escarnecedor, como se porventura, nós devêssemos qualificar de absurdo tudo quanto não é abrangido pela nossa compreensão. A cada passo encontramos um mistério. Como é que se forma a árvore de uma pequena semente? Como é que se desenvolve o ser humano no ventre de sua mãe? Como é que se transforma a larva em crisálide e esta em borboleta? Como é que da gema e clara do ovo se forma uma ave com bico, unhas, e coberta de penas? Será tudo isto um absurdo, porque o não compreendemos?

São mistérios dizeis; pois bem: se admitis que o sistema da natureza está cheio de mistérios, porque razão quereis negar os mistérios nas doutrinas de Religião, procedendo, como procede, tudo do mesmo autor? Deus, que não nos admitiu nos segredos da criação tampouco nos quis revelar os mistérios concernentes à sua Divina Essência. Os ataques, pois, do escarnecedor neste ponto só demonstram a sua ignorância e o acanhamento das suas ideias.

Vejamos agora em quanto à prática dos actos religiosos.

Os nossos deveres para com Deus, que a Religião nos impõe, é o que mais pasto tem fornecido às chufas e ao escárneo dos licenciosos.

Têm eles representado estes actos como ociosos e supérfluos, filhos da superstição e do fanatismo.

«Que proveito, dizem eles, tira Deus das nossas rezas? Ele está tanto acima de nós que as nossas homenagens lhe são indiferentes. Isto de Céu e inferno, de dias santificados, missas e confissões, são patacoadas das almas vulgares, mas que as almas liberais e ilustradas hoje rejeitam com desprezo!»

Ora, contra ataques desta natureza, bastará talvez notar que, os sentimentos universais de toda a humanidade, em todas as épocas, em todas as ocasiões, são de comum acordo em sentido contrário. Irreflectida, como geralmente é, a grande maioria da humanidade, apegada quase sempre aos objectos que lhe são mais próximos, este grande princípio nunca se apagou no seu coração, *que, ao grande autor da humanidade, ao universal, ainda que invisível Benfeitor do mundo, não só é devida profunda reverência interna, mas igualmente homenagem e culto externo.* Se esta homenagem lhe é ou não precisa, não é questão para aqui. Da nossa parte não há dúvida que *lhe devemos esta homenagem: e vil na verdade é o coração que abafa as emoções de gratidão para com o seu benfeitor, ainda que este se ache em posição tão independente que delas possa prescindir.* A verdadeira virtude sempre inspira a pública declaração dos sentimentos de gratidão que sente, e regozija-se em os exprimir. Por este motivo, por todo o orbe, vastas turbas se têm reunido para prestar adoração, em *várias formas*, ao autor e governador do Universo. Nestas adorações têm igualmente tomado parte o Filósofo, o Sábio, o Santo e o Selvagem. Só a alma fria e sem sentimentos é que pode contemplar aquele Ente Benfazejo, que preside ao Universo, sem lhe dirigir uma oração de graças ou louvor. Em vão pois escarneceis daquilo que a voz da natureza reclama e justifica! Porventura vos quereis opor ao consenso geral e declarado da raça humana inteira?

Mas, fora esta consideração, há uma de natureza mais séria e de tremendo alcance. Quando meteis a ridículo os deveres da Religião, ou os actos de culto Divino, *enfraqueceis o poder da consciência sobre o homem; estais minando os grandes sustentáculos da Sociedade; dais um golpe mortal na ordem pública, no público bem-estar.* Têm estes por base, a crença universal num Ente que tudo vê, tudo esquadrinha; num poder infinito que tudo rege. Nesta crença se baseia toda a parte obrigatória do juramento, sem o qual não era possível haver governo, sem o qual não podia funcionar a justiça, sem o qual a propriedade e segurança individual estariam à mercê da malvadez. Qual é o nosso salvaguarda contra inumeráveis crimes que os freios das leis humanas não podem alcançar a não ser o receio da vingança certa de um invisível vingador, e dos futuros castigos reservados para os culpados? Tirai aos homens este receio, e dareis força ao braço do malvado, arriscando a segurança da sociedade. Mas, como conservar estas impressões, tão necessárias para o bem público, sem

instituições religiosas, sem o culto Divino público, sem os dias apartados para santificação, como recordação solene da existência e domínio de Deus, e da conta exacta que infalivelmente lhe havemos um dia de dar, de todas as nossas acções? Os sentimentos que a Religião inculca, para todas as classes são benéficas e salutareas. Porém em quanto às classe menos favorecidas, é bem sabido que os únicos princípios que as inibem da prática do mal, são adquiridos nas assembleias religiosas que frequentam. Destituídas das vantagens de uma educação regular; desconhecedoras em grande parte das leis; ignorando as noções mais delicadas de honra e propriedade que constituem a educação das classes mais ilustradas; fechai-lhes os templos sagrados aonde agora devotamente concorrem, e em pouco os vereis convertidos e degenerados em uma raça feroz e selvagem, prontos para praticar todos os actos de violência e rapina. Ainda há pouco tempo tivemos um terrível exemplo desta verdade. Um espectáculo de um povo sem Deus, que encheu o mundo inteiro de assombro e de horror!

Aquele, pois, que trata as coisas sagradas com leviandade ou ridículo, *é o inimigo do género humano mesmo talvez sem o saber*. É ele o louco de que fala Salomão — «Qui mittit sagittas, et lanceas in mortem ... et dicit, Ludens feci.» *Prov. XXVI, 18, 19*. Um tal queixar-se-á da imoralidade que vai pelo mundo, da desobediência dos filhos, da falta de probidade nos criados, da insolência do que ele chama a canalha: sem se lembrar que ele mesmo é o responsável por tudo isto. Pelo seu desprezo pela Religião, ele torna-se conivente nos crimes que o desprezo pela Religião ocasiona. Quando ele escarnece da Religião e dos seus ministros, ele incita as classes menos ilustradas à rapina e à violência; *ele está de feito, metendo as armas na mão do celerado*, e dando largas ao salteador.

Consideremos agora o que diz respeito aos nossos semelhantes. Nós temos deveres a cumprir uns para com os outros. O respeito mútuo é absolutamente necessário para o bem-estar geral.

Aquele que torna em ridículo a justiça, a honestidade, a verdade, a honra e a virtude, é indigno do trato dos seus semelhantes: é um homem odioso, é um réprobo.

É sobretudo na classe das virtudes pessoais, aonde o escarnecedor encontra campo largo para o exercício da calúnia, da chufa e da maledicência. A virgindade, esse estado o mais perfeito perante Deus, o estado que forma a comitiva especial do Cordeiro, e que o acompanha por toda a parte, tem sido o alvo dos mais sórdidos e aleivosos ataques. O missionário, dedicando toda a sua vida e todos os seus esforços ao bem-estar dos povos, reclamando os que se julgavam perdidos, congregando os que estavam em divergência, pregando a obediência e sujeição aos poderes constituídos, o perdão das injúrias, o amor fraternal, a paz e união entre todos os filhos de Deus, e todos igualmente resgatados com o precioso sangue do seu Divino Filho; o missionário, repito, tem sido o mais exposto aos assaltos da mentira, da calúnia, e do insulto; armas favoritas destes homens sem princípios, sem fé. E porque agredis com tanto afã os missionários?

É porque o missionário anuncia a lei de Deus, que não é a vossa lei. É que o missionário prega a humildade, e combate o vosso orgulho. É que

o missionário prega o amor e união, e vós guardais rancor nos vossos corações. É que o missionário vos exorta a perdoardes aos vossos inimigos e vós sois vingativos e irreconciliáveis. É que o missionário impõe-nos a dominação das paixões, e vós sois desenfreados nos vossos apetites. É que o missionário vos recomenda a Caridade Cristã, e vós tendes deleite na maledicência e na detracção. É que o missionário vos exorta à sujeição e conformidade, e vós sois invejosos das merês que Deus faz aos outros. Para vós, o ministro da Religião do Crucificado, é um «fanático»; para vós, o homem que cuida no negócio, único importante, da sua salvação eterna, é um «beato». Para vós, o homem concentrado e que evita o tumulto da sociedade, é um impostor ou mágico. Para vós, o homem consciencioso nos seus negócios, e que não aproveita a ocasião de se enriquecer à custa alheia, é um parvo e um tolo. Para vós, a modéstia e o recato são pieguices. A criatura que no fim do dia presta homenagem ao seu Criador, saudando, ao toque do «Angelus», o inefável mistério da Incarnação do Divino Verbo, é por vós classificado de fóssil, reaccionário, até de — miguelista!!! (sic) como se o epíteto de miguelista fosse termo de opróbrio. Como se a Religião tivesse cor política! Cegos! que não vêdes que involuntariamente tecestes o maio elogio aos que quistes vilipendiar! Infatuados! que não vêdes que as virtudes que quereis meter a ridículo, não só dimanam do Omnipotente Criador do Universo, mas que são essencialmente necessárias para o bem-estar da humanidade.

Longe de ser assunto para a derisão dos petulantes; a Religião e a Virtude em todas as suas fórmulas; ou seja nos seus preceitos ou nas suas doutrinas, nos deveres para com Deus, na integridade para com os homens, na conduta em geral, na pessoa dos seus ministros, na prática e observância dos seus fastos; exigem de nós a maior veneração e respeito.

Tratar a Religião e a Virtude com leviandade ou pouco respeito, é indício certo de uma compreensão pervertida ou de um coração depravado. — *Stultus irridet disciplinam patris sui.* O insensato faz escárneo da correcção de seu Pai. *Prov. XV, 5. Detestantur stulti eos, qui fugiunt mala.* — Os insensatos detestam aos que evitam o mal. *Prov. XIII, 19.* Evitemos pois aqueles «espíritos fortes» que escolhem sempre as coisas sagradas para alvo das suas sátiras. Em lugar de *espíritos fortes* como se querem intitular, são espíritos fraquíssimos, inteligências acanhadas, compreensões limitadíssimas. É coisa muito certa, que todo aquele que não tem argumentos plausíveis para defender a sua causa recorre sempre ao ridículo, à chufa e à calúnia. Estejamos sempre prontos a defender a honra do nosso Deus e do nosso Redentor. Não nos dêem cuidado os ditos dos mofadores, mas as calúnias dos detractores. Perdem o seu tempo, e só acarretam sobre si a abominação dos homens. — *Cogitatio stulti peccatum est; et abominatio hominum detractor.* O pensamento do insensato é o pecado; e o detractor é a abominação dos homens. *Provérbios de Salomão. Cap. XXIV, v. 9.*

Perdeis o vosso tempo, ó detractores do que é justo! Perdeis o vosso tempo, ó mofadores do que é santo! Perdeis o vosso tempo, ó escarnecedores do que é recto!

A inexorável mão da morte que um dia infalível e irremediavelmente pulsará à vossa porta, vos trará o desengano, certo, seguro e fatal! Quando, estendidos sobre o leito da agonia, se vos aproximar esse momento tremendo e fatal, em que a alma, vacilante entre o tempo e a eternidade, prestes a desprender-se do mortal invólucro estiver para comparecer perante o Sacrosanto Tribunal do seu Eterno Juiz e Deus Altíssimo; nessa hora suprema, abismo de angústia para uns, extâse seráfico para outros, toda a ilusão desvanecerá, e então reconheceréis de que lado está a razão. Aí de nada vos servirá o vosso espírito gracioso; aí de nada vos servirá o dito chistoso, a ironia pungente, a sátira picante; aí vos aparecerá nua e de atavios despida, a Única e Pura Verdade! Continuai pois, se quereis, na vossa tarefa: no entanto vêde as armas com que a Religião do Crucificado vos manda combater; o missionário que insultais invocará sempre sobre a vossa cabeça a bênção do Altíssimo; o Padre que vilipendiais oferecerá por vós o Incruento Sacrifício de propiciação; o «beato» que injuriais, pedirá a Graça Divina para vós e para os vossos; a Virgem que ultrajais vos recomendará à protecção do Todo-Poderoso; o pobre de espírito cuja fé enfraqueceis, incluir-vos-á nas suas humildes preces; o Cristão que ofendeis com as vossas chufas, pedirá para vós a Luz vivificante do Santo Espírito que vos ilumine, e vos leve ao conhecimento da verdadeira fé, para que não pereçais, mas que vivais eternamente na companhia do Omnipotente Deus e os seus anjos, pelos infinitos merecimentos de Jesus Cristo seu único Filho e Senhor Nosso. A Ele seja dada toda a honra, glória e poder e majestade agora e para sempre. Amen.